

Luiza Erundina

“Lula e Alckmin devem um projeto de Nação”

Para a ex-prefeita de São Paulo, esta eleição é apenas a disputa “do poder pelo poder”

Fernando Ribeiro
São Paulo

Recém-eleita deputada federal pelo PSB, com 195.886 votos, a ex-prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, avalia que a discussão em torno da questão ética na disputa ao Planalto é “insuficiente para atender os anseios da sociedade brasileira”. Para ela, tanto o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), quanto o tucano Geraldo Alckmin (PSDB) devem aos eleitores propostas que viabilizem um projeto de unidade nacional. “Há apenas uma disputa de projeto de poder. É o poder pelo poder”, argumenta.

Com um índice de presença de 95,32% em sessões deliberativas na Câmara na última legislatura, Erundina não crê na hipótese de ser formado um governo de coalizão, sobretudo após a troca de acusações entre petistas e tucanos durante a campanha eleitoral.

A favor do voto distrital misto, a deputada também lamentou o fato de alguns parlamentares reconhecidos pelo desempenho não terem sido eleitos. Segundo ela, os escândalos de corrupção envolvendo o Congresso deixaram os eleitores “desnorteados” e resultou na exclusão desses deputados. Mesmo assim Erundina é realista com relação ao cenário político para os próximos quatro anos. “Pior é impossível”.

Gazeta Mercantil - O atual governo foi marcado por escândalos. Como a senhora vê a realização de um segundo turno?

Luiza Erundina - Numa disputa em dois turnos, acho que isso termina favorecendo aquele que se eleger. Afinal, o eleito sai desse processo com mais força política e legitimidade para garantir a governabilidade. Não é uma coisa ruim levar os dois mais bem votados para se submeter de novo à vontade da sociedade. É uma coisa positiva. Lamento não ter projetos distintos, que pudessem ser colocados como parâmetro de comparação. Os dois candidatos devem propostas à sociedade. Não há um projeto de Nação. Há uma disputa de projeto de poder. Poder pelo poder.

Gazeta Mercantil - Existe realmente no mapa do País uma divisão entre pobres e ricos, Norte e Sul, como avaliam alguns analistas políticos?

Erundina - A disputa entre as duas forças similares (PT e PSDB), que estão polarizadas no cenário político acabam por se anular, gerando essa visão distorcida. É inconveniente a análise do ponto de vista da unidade nacional. São Paulo, por exemplo, também tem pobre e exclusão social. O Nordeste tem focos de riqueza, concentração de renda e terra. Essa divisão é artificial. O País precisa de um projeto de Nação, unidade nacional, potencializando aquilo que tem de positivo em cada região. A avaliação é uma decorrência dessa polarização entre duas forças políticas porque não são diferentes no âmbito de projetos de desenvolvimento. E aí fica numa disputa em torno de uma questão secundária do ponto de vista estratégico. A ética é importante e tem um valor essencial, mas centrar o debate sobre a discussão da ética e da moral é no mínimo insuficiente para dar conta da complexidade dos problemas que o país enfrenta.

Gazeta Mercantil - Quais são os possíveis efeitos dessa polarização entre PT e PSDB, sobretudo no estado de São Paulo?

Erundina - Empobrece o pro-

cesso político. Não há uma discussão sobre um projeto de unidade para um País tão diversificado. Faltam propostas dos dois partidos. Por isso a reforma política é uma das prioridades para o próximo governo. É preciso avançar e mostrar que temos de ir além de mudanças de regras eleitorais e normas partidárias. Tem de se repensar as instituições políticas como um todo, inclusive, a própria instituição de Estado brasileiro, que está defasada em relação às transformações pelas quais a sociedade passou nestas últimas três décadas.

Gazeta Mercantil - A troca de acusações entre os presidentes tem norteados o segundo turno. Essa relação de conflito pode prejudicar a governabilidade do futuro presidente?

Erundina - Com certeza. A política não é só instrumento de disputa e de conquista de poder. A política é também um instrumento de educação da sociedade. A agressividade reforça a rejeição à política, sobretudo da juventude. Depois dessa desmoralização mútua, dessa desqualificação, qual é o espaço de diálogo existente entre PSDB e PT?

Gazeta Mercantil - É inviável, portanto, formar um governo de coalizão nacional?

Erundina - Seria o mais desejável para enfrentar os problemas. Acho, no entanto, isso muito difícil. Como neutralizar os ressentimentos e os estragos dessa disputa rebaixada? Para buscar um governo de unidade na-

“A política não é só instrumento de disputa e de conquista de poder, é também de educação da sociedade”

cional seria preciso passar por um esforço dos partidos grandes. No caso são justamente aqueles que estão polarizados em torno dos quais as outras forças políticas se compõem. Teria que passar necessariamente pelo PT e o PSDB. No momento, os dois partidos são antagônicos. E não é um antagonismo de ordem política e sim eleitoral. Essa situação inviabiliza a convivência democrática entre as lideranças.

Gazeta Mercantil - A Câmara foi renovada quase pela metade. Qual a sua expectativa para o ano que vem?

Erundina - Sempre se cria uma expectativa de que havendo uma substituição de quase 50% o quadro seja muito diferente daquele que foi anteriormente. Lamentavelmente na prática não é isso o que acontece. A renovação não significa que será qualitativa. Às vezes é renovação de figurantes. Tanto é que desses desmandos que ocorreram, como sanguessugas e mensalão, 25% eram de primeiro mandato. Ainda houve parlamentares que



Erundina: governo de coalizão dificultado por ressentimentos

se reelegeram, mas ao meu ver não deveriam ter sido reeleitos porque estão quase comprovadamente envolvidos nessas irregularidades. Mas o povo é soberano. Decide a partir dos dados que dispõe. O povo vota de acordo com a avaliação que ele faz em um determinado momento. Mas sou otimista, porque pior é impossível.

Gazeta Mercantil - Os parlamentares eleitos em primeiro de outubro terão maturidade e capacidade para viabilizar as reformas necessárias?

Erundina - Essas figuras aparecem como personagens. Paulo Maluf dificilmente vai ter novamente a força política e o peso que já teve na sua história. Essas pessoas não vão determinar o processo parlamentar. Agora não é possível prever se essas reformas serão realizadas. Vai depender do rearranjo de forças no Congresso e dependendo dessa composição é que você terá uma tendência. Neste momento, há um quadro partidário indefinido. Além disso, não vejo um clima e condições políticas para se enfrentar a reforma política.

Gazeta Mercantil - A que se pode atribuir o fato de parlamentares reconhecidos não serem reeleitos?

Erundina - É lamentável. Ocorreu uma conjuntura particularmente muito diferenciada. Esse clima, essa situação de frustração, de decepção, isso contaminou o processo inteiro. Houve perdas importantes. O eleitor ficou um pouco desnortado. A mídia também não abre espaço para a discussão dos cargos proporcionais, como se fosse uma questão menor. Isso reedita uma visão que existe na sociedade que o legislativo não é importante. Não há uma compreensão da importância dos cargos. E como houve uma incidência maior no Congresso nas irregularidades, acabou se contaminando a votação, além de certos resultados eleitorais que também ficaram aquém do esperado.

Gazeta Mercantil - E voto distrital puro seria a solução?

Erundina - Acho que o ideal seria o distrital misto. O clientelismo se reforça muito com o voto distrital puro. De uma certa

maneira, mais de uma interpretação da lei. Isso, inclusive, está comprometendo o processo de reorganização dos partidos. Primeiro é lamentável que a Justiça Eleitoral tenha se antecipado numa interpretação para depois questionar ela mesma e admitir três versões. Do outro lado existe uma pulverização de legendas, que são mais legendas do que partidos políticos, e isso elimina a possibilidade de representação de segmentos importantes da sociedade. Você não pode dizer que um PCdoB, um PV e um PPS são legendas de aluguel. Não dá para você ter um modelo de um País heterogêneo, plural, diverso como o nosso, como já acontece em democracias consolidadas da Europa e da América do Norte. Isso empobrece a representação, concentra em 6 ou 7 legendas e termina enquadrando parlamentares no mesmo partido, sem que haja uma identificação com as propostas de cada sigla.

Gazeta Mercantil - Portanto a fusão entre partidos com objetivos similares seria o ideal?

Erundina - Aconteceria a caracterização do espectro ideológico, político e programático de forma mais precisa. Desta forma se evitaria casos como quando uma legenda tradicional absorve pessoas sem identidade partidária. Tem um vazio para ser preenchido, que comportaria um

terceiro conjunto de forças com outro perfil de PT, que não é mais de esquerda, o PSDB, de centro e o PFL de direita, enriquecendo o quadro partidário.

Gazeta Mercantil - O PSB surpreendeu e superou as expectativas na eleição. Qual são os projetos do partido para a próxima legislatura?

Erundina - O PSB tem bandeiras diferentes do governo Lula, mesmo sendo da base aliada. O partido questiona e tem uma outra posição quanto à política econômica. Não queremos o superávit primário nesse patamar em detrimento às metas sociais. Temos também uma proposta de reforma tributária e agrária. É uma alternativa e pode ser um embrião de articulação de forças nesse campo socialista democrático. Porque o PT saiu da luta do povo. Ele se institucionalizou. Toda luta do PT passou a ser feita nos governos e nos status institucionais, no Congresso, nas câmaras legislativas municipais. Não estou fazendo juízo de valor, mas tem um espaço vazio na relação com a sociedade organizada. Não como atrair ninguém por uma sigla ou uma história partidária. É através do quanto o discurso do partido hoje está em sintonia com os anseios da sociedade. E é isso que principais partidos se ressentem. A partir do PT e da direita, que também está desfigurada.